

PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO DAS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS EM GRANDE SERTÃO: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Vanilton Pereira da SILVA
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
vanpsnat@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho parte de uma reflexão inicial pautada na perspectiva analítica proposta por Nunberg, Sag e Wasow, segundo a qual as expressões idiomáticas prototípicas possuiriam um traço essencial (a *convencionalidade*) e cinco características típicas (a *inflexibilidade*, a *figuracidade*, a *proverbialidade*, a *informalidade* e a *emoção*). Em seguida, recorre à abordagem construcional delineada por Fillmore, Kay e O'Connor que propõe que características atribuídas às expressões idiomáticas são também compartilhadas por expressões não idiomáticas. Isso justificaria compreender a gramática não mais como sendo um conjunto de frases formadas pela aplicação de regras, mas sim como um conjunto de construções que, em menor ou maior grau, seriam idiomatizadas. Ainda de acordo com Fillmore *et. al.*, haveria expressões idiomáticas *com* ou *sem ponto pragmático, de codificação e de decodificação, gramaticais e extragramaticais, substantivas e formais*. É a partir dessas considerações que tencionamos realizar uma discussão acerca dos processos de significação das expressões idiomáticas com o intuito de propormos um modelo analítico-epistemológico mais adequado ao nosso objeto de investigação: os provérbios identificados em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Uma vez que partimos do pressuposto de que os provérbios são um tipo específico de expressão idiomática.

Palavras-chave: Expressões Idiomáticas; Gramática de Construções; Linguística Cognitiva.

1. Introdução

O estudo que apresentamos nesta seção tem o objetivo de verificar que mecanismos de compreensão nos levam a categorizar¹ determinadas construções gramaticais como sendo proverbiais. Para tal, utilizamos como *corpus* expressões proverbiais identificadas na obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. É importante esclarecer que apesar de no âmbito geral de nossa pesquisa recorrermos ao conceito de *construções* defendido por Bergen e Chang (2005), ao de *simulação mental* proposto por Barsalou (2009), ao de *frequência de type* e de *token* aventado por Bybee (2001) e ao de *padrão discursivo*, de acordo com Östman e Fried (2005) e Duque e Costa (no prelo), focalizamos, neste artigo, a noção de *expressões idiomáticas* proposta por Fillmore, Kay e O'Connor (1988).

Inicialmente, recorreremos à perspectiva analítica sugerida por Nunberg, Sag e Wasow (1994, p. 492-493), segundo a qual as expressões idiomáticas prototípicas possuiriam um traço necessário (a *convencionalidade*) e cinco traços típicos (a *inflexibilidade*, a *figuracidade*, a *proverbialidade*, a *informalidade* e a *emoção*). E, em seguida, após concluirmos que essa proposta não contemplava vários aspectos do processo de categorização dos provérbios, optamos por confrontá-la com a visão construcional formulada por Fillmore, Kay e O'Connor (1988, p. 501-538), no intuito de delinear um modelo analítico mais adequado e satisfatório aos estudos sobre expressões idiomáticas.

¹ O conceito de categorização adotado neste artigo é o mesmo encontrado em DUQUE e COSTA (no prelo) segundo os quais categorização seria *toda atividade mental que nos permite organizar, em termos de classes, a imensa variedade de entidades que constituem o ambiente externo, dando-lhes significações particulares, com o propósito de resolvermos certas disponibilidades e atingirmos objetivos considerados importantes*.

Com esse objetivo, adotamos o alicerce teórico da Linguística Cognitiva, em especial a perspectiva construcional, segundo a qual, de cada construção gramatical emerge um sentido central ou uma cena básica da experiência humana. Nesse percurso, concebemos a *língua* como uma construção cognitivo-experiencial e a *linguagem* como meio/forma de dar significado aos nossos *umwelts* (o mundo biológico, dos objetos à nossa volta, dos impulsos, dos instintos, o ambiente)². O que nos leva a acreditar que o discurso é constituído por uma rede de construções semantizadas *on line*, à medida que são materializadas ou acionadas.

Por fim, partimos do pressuposto de que os provérbios são um tipo específico de expressão idiomática e, por isso mesmo, é que resolvemos aprofundar nossas investigações sobre esse tema a ponto de dedicarmos a ele um capítulo da dissertação de mestrado que estamos desenvolvendo. Na próxima seção deste artigo, apresentamos uma síntese das discussões empreendidas até o momento no que se refere especificamente às expressões idiomáticas.

2. Expressões Idiomáticas

Em primeiro lugar, apresentamos o conceito de *convencionalidade* proposto por Nunberg, Sag e Wasow (1994), segundo o qual o significado ou o uso de uma expressão idiomática não poderia ser predizível – ou pelo menos totalmente predizível – com base no conhecimento dos constituintes isolados. O que revelaria a existência de uma forte coesão (determinada por regras) entre os elementos constituintes. Nesse sentido, a *convencionalidade* teria um papel imprescindível para um modelo baseado em componentes, uma vez que estes integrariam o conhecimento gramatical dos falantes.

Seguindo uma direção divergente, Fillmore, Kay e O'Connor (1988) propuseram um modelo de tratamento para as expressões idiomáticas pautado na perspectiva analítica da Gramática de Construções. Nessa direção, ao invés de enxergar as expressões idiomáticas como um repositório ou um conjunto finito de elementos (visão formal), eles evidenciaram que características atribuídas às expressões idiomáticas são também compartilhadas por expressões “não idiomáticas”. O que justificaria compreender a gramática não mais como sendo um conjunto de frases formadas pela aplicação de regras, mas sim como um conjunto de *construções*³ que, em menor ou maior grau, são idiomatizadas.

Ainda sobre a possível existência de um traço “necessário” inerente às expressões idiomáticas, destacamos algumas expressões citadas por Nunberg, Sag e Wasow (1994) – como *salt and pepper*⁴, *bag and baggage*⁵ e *body and soul*⁶ (estruturadas com base em convenções puramente sintáticas, uma vez que apenas a ordem de seus elementos parece ter se tornado consagrada pelo uso) e *kick the bucket*⁷, *shoot the breeze*⁸ e *go down the drain*⁹

² WELTER, 2007 apud DUQUE e COSTA, no prelo.

³ A *construção* deve ser entendida como o pareamento **forma** (fonemas, símbolos gráficos e gestos) e **sentido** (conceitos ou esquemas conceptuais que são evocados pela forma), conforme propõe Goldberg (1995).

⁴ Sal e pimenta.

⁵ Mala e cuia.

⁶ Corpo e alma.

⁷ Chutar o balde (em inglês, esta expressão equivale à expressão “bater as botas” do português).

⁸ Jogar tudo para o ar.

⁹ Ir pelo ralo.

(que parecem depender de algo além da sintaxe, uma vez que, além da ordem, apresentam um sentido estabelecido pelo uso da língua). Casos como esses, demonstrados pelos próprios autores, revelam que o enfoque meramente sintático parece não dar conta de todas as expressões idiomáticas de língua.

Em busca de explicação para esses tipos de ocorrências, Fillmore, Kay e O'Connor (1988) propuseram outra maneira de compreender o fenômeno. Após verificarem diversos constructos gramaticais, os autores constataram que a organização gramatical como um todo corresponde a um conjunto de expressões idiomáticas mais ou menos cristalizadas. Essa constatação fez com que tais expressões, antes usadas como evidências da coesão sintática, passassem a servir de argumento favorável a uma visão construcional de gramática, ou seja, à percepção de que um empreendimento exclusivamente formal não é suficiente para sustentar uma concepção de gramática.

A gramática, neste caso, passaria a ser concebida como um conjunto de construções, em que cada uma delas corresponderia a um pareamento de forma/significado. Nesse sentido, de acordo com Duque e Costa (no prelo), o conhecimento sintático e lexical da língua parece não ser suficiente para o usuário saber como compreender os significados dessas expressões ou como determinar a convencionalidade desses constructos idiossincráticos.

Fazendo um contraponto entre as perspectivas “tradicional” e construcional, consideramos que a hipótese construcional de que existam expressões idiomáticas *com* ou *sem ponto pragmático* sustentada por Fillmore *et. al.* (1988, p. 506) é bem mais plausível e satisfatória, já que segundo esse ponto de vista as expressões *com ponto pragmático* seriam aquelas que, além de terem um significado no sentido habitual do termo, também seriam usadas em determinados contextos pragmáticos. São exemplos de expressões idiomáticas *com ponto pragmático* as usadas para abrir e fechar as conversas, tais como “Boa tarde” ou “Até amanhã” e tantas outras usadas em diversos contextos discursivos especializados, tais como “Era uma vez” e “Foram felizes para sempre” – usadas na contação de histórias infantis.

A inserção da noção de ponto pragmático para a compreensão de algumas expressões idiomáticas parece tornar mais evidente que os processos de significação desses constructos são extremamente complexos, por envolverem não apenas componentes sintáticos e semânticos, mas também pragmáticos, culturais e cognitivos. Sendo assim, conceber a convencionalidade de um ponto de vista meramente sintático não contempla os mecanismos de construção de sentido acionados pelos indivíduos.

Acreditamos que as expressões idiomáticas *com ponto pragmático* sejam motivadas diretamente pelo contexto de uso. Essa hipótese fica evidenciada quando, por exemplo, dizemos “bom dia!” porque isso exige diversas pressuposições: a marcação de tempo; alguém a ser cumprimentado; uma situação específica de uso; etc. Desse modo, aquelas expressões que podem ser utilizadas independentemente do contexto (“num piscar de olhos”, por exemplo) seriam consideradas *sem ponto pragmático*.

Nesse sentido, os estudos de Fillmore *et. al.* (1988) demonstram que expressões idiomáticas são bastante variadas em suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas, variando de expressões completamente fixas a expressões mais gerais, que podem ser semanticamente mais ou menos opacas e podem, até mesmo, não corresponder às regras sintáticas da língua.

Uma evidência disso é o fato de que na língua são encontradas algumas expressões idiomáticas bastante fechadas (“água mole em pedra dura tanto bate até que fura” ou “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”, por exemplo) e outras bem mais flexíveis como são os casos de “dar o troco em alguém” ou “apunhalar pelas costas”. Estas expressões podem sofrer variações em suas estruturas sintáticas, sem perderem o seu sentido inicial: “dei o troco em alguém” ou “fui apunhalado pelas costas”.

Esse entendimento nos leva a outra distinção importante feita por Fillmore *et. al.* (1988) que distingue as expressões idiomáticas substantivas e formais. Uma *expressão idiomática substantiva*, ou lexicalmente preenchida, seria aquela em que todos os seus elementos constituintes são fixos. Por exemplo, a expressão idiomática “Quem tudo quer, tudo perde” é completamente fixa, uma vez que não se pode nem mesmo flexionar a noção de tempo (*Quem tudo queria, tudo perdia).

Já uma *expressão idiomática formal*¹⁰, ou lexicalmente aberta, permitiria que pelo menos parte dos elementos constituintes da sua estrutura composicional pudesse ser modificada ou substituída por outros elementos sem comprometer sua característica sintático-semântica. Por exemplo, as expressões idiomáticas que apresentam a notação formal *X deu uma lição em Y* podem ser preenchidas por um sintagma nominal (ou pronome co-referencial) referente à pessoa que recebe a lição. Por exemplo, “João deu uma lição em Maria”, “Jessé deu uma lição em Procópio”, “Amanda vai dar uma lição em Geraldo”, etc.

Essas seriam mais abertas, já que permitem algumas alterações sem perderem o seu caráter de expressão idiomática. O que denota que o uso de classificações estanques tem se mostrado inviável e limitado. Ao invés disso, preferimos acreditar num *continuum* formado por expressões idiomáticas totalmente substantivas, mais ou menos substantivas, mais formais e menos formais.

A nosso ver, reduzir os idiomatismos a meras estratégias de decodificação linguística seria uma postura equivocada, uma vez que o processo de compreensão das construções gramaticais – itens lexicais, expressões idiomáticas, expressões proverbiais, etc. – envolve mecanismos cognitivos multifacetados. Além disso, consideramos a construção um todo-significativo cujas partes desempenham o papel de especificar formas de compreender a linguagem. Em outras palavras, o todo não corresponderia necessariamente à soma das partes, mas teria um significado próprio. E, por sua vez, o sentido do constructo não adviria unicamente das partes da estrutura sintática, pois a partir do momento em que essas partes passam a compor uma construção gramatical integrada, o seu valor semântico pode ser alterado.

Em segundo lugar, o traço típico da *inflexibilidade* proposto por Nunberg, Sag e Wasow (1994) seria caracterizado pela ideia de que as expressões idiomáticas prototípicas possuiriam uma sintaxe fixa. Assim, não haveria a possibilidade da estrutura sintática sofrer alterações. Esse fato, se comprovado, realçaria a rigidez sintática e semântica das expressões idiomáticas, a ponto de a substituição dos itens lexicais constituintes dessas expressões ser inviável. Nunberg *et. al.* afirmam também não ser possível apontar com clareza quais os motivos que inviabilizam a operação de permuta sem perda semântica e exemplificam essa hipótese através da impossibilidade de substituir o elemento *beans*¹¹ por *lentils*¹², alegando que tal substituição acarretaria a perda do sentido idiomático da expressão. Além disso, a presença do verbo *spill* seria necessária para a concretização do seu sentido figurado. Nesse caso, o traço típico da inflexibilidade seria definido em termos da dependência semântica dos elementos de uma determinada expressão idiomática.

Sobre esta questão, verificamos que, de fato, é pequeno o número de variações sintáticas permitidas por uma expressão idiomática. E, no que se refere à substituição lexical, é correto afirmar que, em muitos casos, nem mesmo palavras sinônimas podem substituir os

¹⁰ O termo “formal” utilizado por Fillmore *et al.* corresponde ao termo esquemático de Langacker para indicar uma categoria mais geral.

¹¹ Feijões.

¹² Lentilhas.

elementos da expressão. Ademais, especificamente no campo da sintaxe, verificamos, por exemplo, que a expressão *shoot the breeze*¹³, parece não permitir a forma apassivada *the breeze was shot*. O que evidenciaria o caráter de inflexibilidade dessas expressões, apesar de haver exceções. Como por exemplo, “eu fui apunhalado pelas costas”, “Ela foi apunhalada pelas costas”, “Nós fomos apunhalados pelas costas”.

Outro exemplo que serve para ilustrar a inflexibilidade lexical das expressões idiomáticas seria a substituição do vocábulo *botas* no item (a) por *sapatos* no item (b). O que acarretaria a perda do caráter idiomático da expressão:

- (a) Ele estava muito doente e bateu as botas na última noite.
- (b) Ele estava muito doente e bateu os sapatos na última noite.

Na medida em que são efetuadas adaptações na estrutura composicional das expressões, mesmo que a adaptação se restrinja a substituição de itens lexicais sinônimos, em muitos casos são estabelecidas mudanças importantes no sentido da construção gramatical. O que suscita uma questão intrigante: o que estaria na base dessas alterações?

Na tentativa de encontrar respostas a essa indagação recorreremos mais uma vez à análise de Fillmore *et al.* (1988). Nela, é demonstrado que as expressões idiomáticas podem variar em suas propriedades sintáticas, semânticas e pragmáticas, oscilando de expressões completamente fixas a expressões mais gerais, que podem ser semanticamente mais ou menos opacas e, até mesmo, não correspondentes às regras sintáticas da língua. Essas distinções propostas pelos autores favorecem uma distribuição contínua das construções linguísticas, no que diz respeito à flexibilidade na sua organização.

Nessa linha de raciocínio, Cowie, Mackin e McCaig (1984, p. xii-xiii), em seu Dicionário Oxford de Expressões idiomáticas Atuais do Inglês (The Oxford Dictionary of Current Idiomatic English) organizaram as construções em duas categorias: *construções abertas* e *construções restritas*. As primeiras são consideradas produtivas e admitem a composicionalidade, isto é, os constituintes contribuem com seus significados para o significado da sentença. As demais compreendem expressões idiomáticas e combinações de palavras habituais, denominadas *colocações*. Nessa perspectiva, os autores apresentam quatro tipos de construções restritas: (a) expressões idiomáticas puras, (b) expressões idiomáticas figurativas, (c) colocações restritas e (d) colocações abertas.

Finalmente, quanto à questão da inflexibilidade de algumas construções, notamos que à medida que são efetuadas adaptações na estrutura composicional das expressões – mesmo que a adaptação se restrinja a substituição de itens lexicais sinônimos –, são estabelecidas mudanças importantes no sentido da construção gramatical. O que suscita outra questão instigante: por que ocorrem alterações semânticas tão bruscas na construção, se as substituições lexicais propostas buscam atender ao princípio da sinonímia?

Em terceiro lugar, segundo Nunberg *et al.* (1994), as expressões idiomáticas apresentariam o traço da *figuracidade*, ou seja, teriam sentidos que corresponderiam às figuras de linguagem subentendidas na sua composição. Por exemplo, a metáfora na expressão “Matar um leão por dia”, a metonímia na expressão “Dar uma mãozinha”, a hipérbole na expressão “Já te falei um milhão de vezes” e outras formas de linguagem figurada que estão envolvidas na formação do sentido das expressões idiomáticas.

Fica evidente, no nosso entendimento, que essa proposta se fundamenta na ideia da composicionalidade, pois advoga que uma análise de sentido das expressões idiomáticas pautada na contribuição das partes que compõem o todo seja satisfatória. E é a partir desse pressuposto que Nunberg *et al.* (1994) dividem as expressões em dois grupos: as ‘expressões

¹³ Jogar tudo para o espaço.

combinadas idiomáticamente (idiomatically combining expressions)’ e os ‘sintagmas idiomáticos (Idiomatic Phrases)’.

Ao invés disso, postulamos que o que há, na verdade, é uma impressão de figuracidade causada por diversos fatores – idiomaticidade das expressões; relações indiretas entre simulações¹⁴; além de inferências (metáfora, metonímia, hipérbole e ironia, principalmente).

Ao analisarmos os provérbios identificados em *Grande Sertão: Veredas*, por exemplo, constatamos que o traço de figuracidade não está presente em todas elas. Existem casos em que tanto o sentido evocado pelos provérbios, como a percepção de que a construção é proverbial, parecem germinar de entendimentos consensuais e culturais construídos durante a interação social. É o caso das expressões elencadas abaixo:

- (c) “[...] pessoa amiga e cortês, virando patrão da gente, vira mais rude e reprovante.” p. 141
- (d) “O que demasia na gente é a força feia do sofrimento, própria, não é a qualidade do sofrimento.” p. 150
- (e) “Desespero quieto às vezes é melhor remédio que há.” p. 169

Percebe-se, dessa forma, que o sentido evocado pela expressão idiomática extrapola os aspectos meramente composicionais. Zwaan (2009), por exemplo, postula que os processos de compreensão envolvem o repertório experiencial do compreendedor construído com base em suas experiências prévias. Nessa perspectiva, aspectos experienciais, culturais e pragmáticos tornam-se imprescindíveis para a atribuição de sentido às expressões idiomáticas.

Além disso, Bergen (2010) defende a ideia de que para atribuir sentido a um enunciado, um compreendedor precisa simular mentalmente seu conteúdo perceptivo ou motor. Tal proposição reforça o entendimento de que a compreensão de constructos linguísticos envolve a ativação de conhecimentos armazenados na memória do compreendedor através de simulações mentais. E esse processamento neural não se restringe à sintaxe ou à composicionalidade, mas abarca aspectos pragmáticos, sensorio-motores e afetivos.

Em quarto lugar, apresentamos a *proverbialidade* que, de acordo com Nunberg *et. al.* (1994), evidenciaria as atividades sociais. Tal evidência se daria em decorrência de as expressões idiomáticas descreverem uma situação que se repete num contexto social com um objetivo particular em virtude da semelhança ou da relação envolvida. Ou seja, essas expressões teriam tipicamente a função de descrever uma situação recorrente ou de interesse social em virtude de sua semelhança ou relação com o cenário envolvido. Seriam exemplos disso, as expressões *climbing walls*¹⁵, *as easy a pie*¹⁶, *like taking candy from a baby*¹⁷ e também *spilling beans*¹⁸. Todas elas parecem apresentar traços que, em alguma instância, resgatam atividades socioculturais e situações concretas da vida cotidiana.

No entanto, pensar a idiomaticidade como um instrumento descritivo e representacional da realidade nos parece uma posição bastante complicada. Tendo em vista

¹⁴ Estamos considerando *simulação* como o acionamento interno de sistemas cerebrais para criar (ou recriar) experiências não presentes.

¹⁵ Muito barulho por nada.

¹⁶ Mamão com açúcar.

¹⁷ Como tirar doce de criança.

¹⁸ Entornar o caldo.

que, a nosso ver, as construções não representam realidades postas, mas evocam realidades construídas cognitivamente. Em face disso, a adequação de uso ao contexto, bem como a atribuição de sentidos vão além dos aspectos meramente sintáticos e composicionais das expressões e devem trazer o viés pragmático da linguagem para o centro da cena analítica.

Tal entendimento se coaduna com Fillmore, Kay e O'Connor (1988) que propõem a distinção entre expressões idiomáticas de codificação e de decodificação, chamando de *codificação* o processo através do qual os falantes escolhem as formas linguísticas necessárias para expressar algo e de *decodificação* o processo através do qual os ouvintes/leitores atribuem sentido a expressões linguísticas a que estão expostos.

Seguindo esse fio condutor analítico, Fillmore *et. al.* (1988) advogam que pode haver tanto expressões idiomáticas de decodificação quanto de codificação [cf.: Makkai]. Neste sentido, uma *expressão idiomática de codificação* seria uma expressão arbitrariamente convencionalizada (como *atender a porta*) que um ouvinte pode compreender, mas que não é um jeito “regular” de se dizer. E uma *expressão idiomática de decodificação* seria uma expressão cuja interpretação não pode ser solucionada usando-se apenas as convenções linguísticas aprendidas isoladamente (como *chutar o balde*).

Estas proposições fortalecem a compreensão de que as expressões idiomáticas não são uniformes. Dessa forma, as *expressões idiomáticas de codificação* seriam compreendidas com ou sem a ativação de experiências anteriores, enquanto as *expressões idiomáticas de decodificação* exigiriam o acionamento de conhecimentos prévios adquiridos nas interações cotidianas.

Por exemplo, mesmo que o compreendedor não tenha experiência sociocultural suficiente para atribuir o *status* de expressão idiomática à construção “chutar o balde”, será capaz de interpretá-la como sendo uma expressão disponível na língua, formada por regras e dotada de significado. Nesse sentido, a codificação se evidencia pelo fato de que mesmo que o compreendedor não seja capaz de acessar o sentido metafórico da expressão, ele será capaz de interpretá-la.

Já no caso das *expressões idiomáticas de decodificação*, torna-se imprescindível a ativação de alguma experiência anterior que viabilize o processo de compreensão. *Alhos com bugalhos* e *ir pro beleleu* são expressões que não podem ser compreendidas se tomarmos apenas seus elementos isolados. Uma vez que sem um conhecimento experiencial prévio, teremos dificuldades de lhe atribuir sentido. O que nos obriga a recorrer a uma perspectiva pragmático-semântica.

A distinção, portanto, entre *codificação/decodificação* caracteriza expressões idiomáticas em contraste com estruturas sintáticas regulares em relação às regras de interpretação que vinculam o componente sintático ao componente semântico. Desse modo, em expressões idiomáticas como “chutar o balde” as regras de interpretação não poderiam ser aplicadas porque as partes da estrutura sintática não correspondem às partes da estrutura semântica da expressão.

Fillmore *et al.* (1988) elencam ainda *expressões idiomáticas combinadas* como “botar lenha na fogueira” em que as partes de sua estrutura sintática correspondem a elementos semânticos, porém com uma interpretação que lhes é peculiar. Assim, o significado de expressões idiomáticamente combinadas não pode ser determinado por regras de interpretação semântica das palavras ou da estrutura sintática.

Em quinto lugar, trataremos da *informalidade*. Segundo Nunberg *et. al.* (1994), as expressões idiomáticas seriam regularmente associadas a registros de fala informal e isto caracterizaria o seu estilo coloquial. Os autores acreditam ainda que embora elas também sejam utilizadas no discurso formal, a sua origem estaria vinculada à cultura popular e ao discurso oral. Por isso, teriam um caráter predominantemente informal. O que observamos sobre essa hipótese é que apesar de haver uma predominância do registro informal da fala nas

construções idiomatizadas, esse traço não parece ser decisivo ao processo de categorização das expressões idiomáticas.

Nosso ponto de vista se harmoniza com *Fillmore et. al.* (1988) quando sugerem a distinção entre *expressões idiomáticas gramaticais* e *extragramaticais*. As *expressões idiomáticas gramaticais* obedeceriam às regras gramaticais (*chutar o balde; entornar o caldo; a colheita é comum, mas o capinar é sozinho* [...]¹⁹), mas seriam semanticamente irregulares (por exemplo, *X deu uma lição em Y*). Já as expressões idiomáticas extragramaticais não poderiam ser analisadas por meio de regras sintáticas (*fugir da raia; dar uma de doido; pão ou pães, é questão de opiniões*²⁰).

Desse modo, a diferenciação entre expressões gramaticais e extragramaticais caracteriza um contraste em relação à expressão sintática regular com respeito às *regras do componente sintático*. O que revela que todas as construções gramaticais passam a ser vistas como expressões idiomáticas com graus diferentes de idiomaticidade.

Finalmente, Nuberg *et. al.* (1994), apresentam o conceito do que seria o quinto traço típico das expressões idiomáticas, a *emoção*. Neste foco de análise, as expressões idiomáticas apresentariam uma postura de avaliação ou afetividade em relação ao que elas descrevem. Em outras palavras, tais expressões evidenciariam em alguma instância o ponto de vista ou o sentimento do produtor.

Esses autores advogam, por exemplo, que “*kick the bucket, to pass away*²¹ e *to die*²² têm significados semelhantes, mas não podem ser considerados sinônimos idênticos, já que o sentido de *kick the bucket* possui conotação (a propriedade do afeto). E esta, portanto, inviabilizaria o exemplo a seguir “*I Just listened that the President of the United States kicked the bucket because he had a terrible accident*”.

É importante mencionar também que Nunberg *et. al.* (1994) acrescentam que a presença de todas estas propriedades não é obrigatória em todas as expressões idiomáticas. Já que algumas expressões, como por exemplo, “*Graças a alguma coisa*”, não envolvem figuracidade. Além disso, nem todas as expressões idiomáticas possuiriam um sentido literal e outro figurado, como é o caso de “*Sardinha enlatada*” e “*Virar pesadelo*”. Portanto, segundo Nunberg *et. al.*, a única característica que possui o *status* de obrigatória é a convencionalidade, já que o significado das expressões idiomáticas não se daria através dos padrões semânticos da linguagem.

3. Discussão e Considerações finais

Após identificarmos e elencarmos os provérbios encontrados em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, lançamo-nos ao desafio de verificar que mecanismos de compreensão nos levam a categorizar como proverbiais certas construções gramaticais. Inicialmente nos apropriamos da hipótese apresentada por Nunberg, Sag e Wasow (1994) e tentamos aplicá-la ao grupo de provérbios que nos serviram de *corpus*. Durante esse processo, constatamos que a proposta apresentada por esses autores se mostrou ineficaz por não considerar vários aspectos do processo de categorização dos provérbios. Refiro-me aos aspectos pragmáticos, cognitivos e culturais.

Ora, o modelo teórico aventado por Nunberg *et. al.* apresenta um importante problema ao colocar a sintaxe no centro de sua análise, relegando a semântica e a pragmática à periferia.

¹⁹ ROSA, 2001, p.74.

²⁰ ROSA, 2001, p. 24.

²¹ Passar dessa para melhor.

²² Falecer.

Além disso, supor que um determinado conjunto fechado de traços característicos seja capaz de abarcar todo o processo de categorização das expressões idiomáticas nos parece bastante complicado. Uma evidência disso está na suposição de que a convencionalidade seria um traço característico e necessário a todas as expressões idiomáticas. Esse entendimento é questionado no fragmento abaixo:

No entanto, não é preciso muito esforço para nos depararmos com expressões idiomáticas que não podem ser predizíveis das regras dos componentes sintáticos, semânticos e de vinculação, o que representa um grande problema para o modelo de componentes. É o caso das expressões idiomáticas “Ir de vento em popa.” e “Meter os pés pelas mãos.” (DUQUE & COSTA, no prelo)

O traço da convencionalidade também não pôde ser aplicado a vários provérbios identificados em *Grande Sertão: Veredas*, como são os casos de “pão ou pães, é questão de opiniões...”²³, “quem mói no asp’ro, não fantasêia.”²⁴, “Quem vai em caça, perde o que não acha...”²⁵, “É no junto do que sabe bem, que a gente aprende melhor...”²⁶. Só para citar alguns. Essas evidências parecem comprovar a ineficácia de tentar caracterizar as expressões idiomáticas através de traços suficientes e necessários.

Diante dessas deficiências, preferimos adotar a visão construcional formulada por Fillmore, Kay e O’Connor (1988) que em síntese apresenta uma proposta que contempla também os aspectos semânticos, pragmáticos e cognitivos, envolvendo, inclusive, os conhecimentos prévios dos indivíduos. Sendo, a nosso ver, mais adequada ao nível de complexidade pertinente aos idiomatismos.

Desse modo, postulamos que as expressões idiomáticas não devem ser vistas como itens estocados no léxico, mas como um *continuum* constituído por diversos graus de idiomaticidade. E, nesse sentido, a gramática passa a ser concebida como um conjunto de *construções*, em que cada uma delas corresponde a um pareamento de forma/significado.

Ainda quanto ao processo de categorização dos provérbios, acreditamos que o sentido proverbial atribuído a tais expressões ocorre por apresentarem constituições construcionais semelhantes as dos provérbios prototípicos já conhecidos de experiências anteriores. Neste caso, tomaríamos por base a constituição construcional típica dos provérbios utilizados em nossas interações cotidianas para darmos conta da semantização de construções inéditas. Por exemplo, a notação [*Quem X, Y*] constituiria um esquema construcional subjacente a construções proverbiais do tipo: “Quem tudo quer, tudo perde”; “Quem desdenha, quer comprar” e “Quem planta vento, colhe tempestade”. E esse esquema construcional uma vez categorizado e armazenado em nossa memória de longo prazo instanciará outras construções inéditas alicerçadas pelo mesmo esquema construcional, como, por exemplo, as identificadas na obra *Grande Sertão: veredas*: “Quem muito se evita, se convive”²⁷; “Quem mói no asp’ro, não fantasêia; “Quem desconfia, fica sábio”²⁸.

²³ ROSA, 2001, p. 24.

²⁴ ROSA, 2001, p. 26.

²⁵ ROSA, 2001, p. 293.

²⁶ ROSA, 2001, p. 361.

²⁷ ROSA, 2001, p. 24.

²⁸ ROSA, 2001, p. 154.

Finalmente, partindo do pressuposto de que os provérbios são um tipo de expressão idiomática, concordamos com Duque e Costa (no prelo) ao proporem a seguinte caracterização para as expressões idiomáticas:

- a) *Expressões Idiomáticas Puras* (Frases cristalizadas): ‘*Quem desdenha quer comprar*’, ‘*Quem cala consente*’, etc.
- b) *Expressões Idiomáticas Figurativas* (Permitem algumas variações): Ex. ‘*Cortar as asas de alguém*’, ‘*Estar com a corda no pescoço*’, ‘*Estar de mãos atadas*’, ‘*fazer ouvido de mercador*’, ‘*comer com os olhos*’, etc.
- c) *Expressões Idiomáticas abertas* (estrutura argumental): Ex. ‘*João comeu o bolo*’, ‘*Júnior César passou a bola para Ronaldinho Gaúcho que fez um golaço de bicicleta*’, etc.

Frisamos, por fim, que apesar de este artigo abarcar apenas um aspecto do conjunto de sustentáculos que alicerçam a nossa pesquisa a respeito dos processos de construção de sentido envolvidos na categorização das construções proverbiais identificadas em Grande Sertão: Veredas, esperamos que esta empreitada produza contribuições aos estudos da linguagem e enseje novas perspectivas para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem.

Referências

- BARSALOU, L.W. (2009). Simulation, situated conceptualization, and prediction. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London: Biological Sciences*, 364, 1281-1289.
- BERGEN, B. K. & N. CHANG. Embodied Construction Grammar in simulation-based language understanding. In J.-O. Östman and M. Fried (eds.), *Construction Grammar(s): Cognitive and Cross-Language Dimensions*. Johns Benjamins, 2005.
- BYBEE, J. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: Benjamins, 1985.
- COWIE, A.P., R. MACKIN, I.R. MCCAIG, *Oxford Dictionary of Current Idiomatic English*, vol. I-II. General Introduction, Oxford, OUP, 1984.
- DUQUE, P. H. Teoria dos protótipos, categoria e sentido lexical. In: M. Cecília Mollica e Cláudia Roncarati (orgs.). *Anais do III congresso internacional da ABRALIN*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em [http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(21\)13.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(21)13.htm)
- DUQUE, P. H. e COSTA, M. A. *Contribuições para uma Análise Construcional do Discurso*, 2010. (No prelo).
- DUQUE, P. H. e COSTA, M. A. *Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências* (No prelo).
- FAUCONNIER, Gilles. COMPRESSION AND EMERGENT stRUCTURE In S. Huang, ed. 2005 *Language and Linguistics*. 6.4:523-538
- FILLMORE, Charles J.; KAY, Paul and O'CONNOR, Mary Katherine. 1988. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let alone. *Language* 64: 501-538.
- GOLDBERG, A. *Construction: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago/ London: The University of Chicago Press. 1995.
- MIRANDA, N. S. & SALOMÃO, M. M. M. (Org.). *Construções do Português do Brasil - da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- NUNBERG, Geoffrey; SAG, Ivan A.; WASOW, Thomas. *Language*, Vol. 70, Nº. 3 (Sep., 1994), 491-538.
- ÖSTMAN, J. e FRIED, M. (Ed.), *Construction Grammars: cognitive grounding and theoretical extensions*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- ZWAAN, R. Mental simulation in language comprehension and social cognition. *European Journal of Social Psychology*, 71142 – 1150, 2009.